

POLÍTICA

Quem votou pólos quatro anos não deve esperar mais nada do governo. Ao contrário: deve começar a ler o Diário Oficial, para tomar conhecimento das demissões dos seus apadrinhados.

Sarney não perdoo

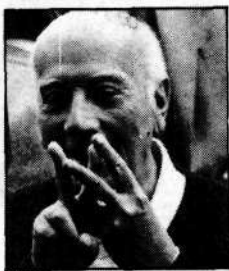
Mesmo confiando em que dificilmente será alterada a decisão da Comissão de Sistematização, que fixou para 1988 a eleição para a Presidência da República, os "presidenciáveis" do PMDB preferem aguardar a palavra final do plenário da Constituinte. A dúvida está na possibilidade de ser restabelecido o presidencialismo, ou então ser adiada a vigência do parlamentarismo de março de 88 para março de 89.

Mas, qualquer que seja o sistema de governo, o candidato "natural" do PMDB ainda é o deputado Ulysses Guimarães, presidente do partido, da Constituinte e da Câmara. E sua defesa do mandato de cinco anos para Sarney poderá até não ser levada em consideração se seu nome se consolidar no Congresso.

Porém, restabelecido o presidencialismo, Ulysses (cuja candidatura depende agora de seu estado de saúde) terá fortes concorrentes dentro do próprio PMDB, entre eles os senadores Mário Covas e José Richa e os governadores Orestes Quéricia (SP) e Waldir Pires (BA).

Ontem, o deputado estadual Waldir Trigo (PMDB-SP) foi claro: Covas, 58 anos, três pontes de safena, é candidato à Presidência da República em 88, tendo como companheiro de chapa, para vice, um governador do Nordeste, possivelmente Waldir Pires ou Fernando Color de Melo (AL), com opção ainda para Miguel Arraes (PE). Trigo garantiu que se o PMDB não der legenda, Covas disputará a eleição por outro partido. Sem citar motivos, Waldir Trigo admite que a candidatura Covas terá dificuldades dentro do próprio PMDB. Os obstáculos poderiam ser os "presidenciáveis", entre eles o ex-governador Franco Montoro, o ex-ministro Dilson Funaro e os governadores. Os próprios cabos eleitorais de Covas admitem o "crescimento" da candidatura Quéricia, que já vem trabalhando a sucessão com publicidade em jornais e emissoras de tevê.

Mas, implantado o parlamentarismo em março próximo, as coisas ficariam difíceis para Richa, Covas e Fernando Henrique Cardoso, que não teriam a preferência do presidente Sarney, por terem lutado ostensivamente pelo sistema parlamentar de governo. Neste caso, os peemedebistas que contam com as graças do Planalto são Carlos Sant'Anna e Prisco Viana. Porém, pode acontecer de os liderados de Covas e de Richa se oporem às indicações de Sarney. Com isso, na terceira recusa dos parlamentares, o presi-



Ulysses



Covas



Aureliano



Quéricia

Os destinos (e os apetites) dos presidenciáveis

No PMDB, Ulysses precisa derrubar Covas, Richa, Quéricia e Waldir Pires. No PFL, Aureliano tem preferência, e Antônio Ermírio é opção.

dente poderia dissolver a Câmara.

Voltando à possibilidade de restabelecimento do presidencialismo, antecipase como "inevitável" a implosão do PMDB. Nesse caso, poderia ser criada uma nova agremiação, de centro esquerda, adotando a social-democracia, que teria como candidato forte o senador Mário Covas, disputando com o ministro Aureliano Chaves (PFL), o senador José Richa e o governador Waldir Pires.

Candidatos do PFL

No PFL, as preferências da maioria do partido recaem sobre o ministro Aureliano Chaves, que nesta sexta-feira estará em Belo Horizonte discutindo o novo quadro político com parlamentares e dirigentes do partido em Minas. Vários pefelistas não escondem a preocupação com a atitude de Aureliano, que só admite discutir explicitamente sua candidatura depois da promulgação da futura

Constituição. Ainda ontem, o ministro afirmou não ser homem de "atitudes precipitadas", e considerou "muito perigosa" a decisão da Sistematização de reduzir para quatro anos o mandato de Sarney.

Na hipótese de Aureliano Chaves não querer disputar a Presidência, a opção do senador Jorge Bornhausen (PFL-SC), revelada a confidantes, seria a candidatura do empresário Antônio Ermírio de Moraes.

"O candidato natural é Aureliano. Não sei, porém, se ele se dispõe a disputar, se sai do governo", afirmou Humberto Souto (PFL-MG).

"Com a volta das diretas, o PFL deu um passo importante no caminho de sua salvação. A disputa presidencial vai unir o partido que se estava fragmentando. Aureliano é o candidato natural. É preciso saber se ele quer, porque alguns deputados mineiros andam falando que ele

não pretende disputar", observou Alcei Guerra (PFL-PR), que se recusou a falar na candidatura de Antônio Ermírio de Moraes, alegando que seria injustiça contra Aureliano — que é presidente de honra do partido — falar, agora, em candidatura extrapartidário.

O líder do partido no Senado, Carlos Chiarelli, em vez de falar da disputa presidencial prefere discorrer sob a implantação do regime parlamentar de governo, em cujo êxito não crê, porém, seu colega na Assembléia Nacional Constituinte, José Lourenço. Este acha que os quatro anos de mandato do presidente José Sarney liquidaram com qualquer chance do parlamentarismo.

"O candidato do PFL será Aureliano Chaves que se apresentará no momento oportuno", disse, sem muito entusiasmo, José Lourenço. E acrescentou: "O parlamentarismo acabou com os 4 anos. Os candidatos à Presidência da República vão se articular para derrubá-lo. Se for aplicado em março de 1988, será desaplicado pelo futuro presidente em março de 1989", previu o líder do PFL na Constituinte.

Primeiro-ministro

Já o líder do PTB, Gastone Righi, ficou tão empolgado com a implantação do regime parlamentar de governo que admite até ser candidato a primeiro-ministro. Por isso, não quis falar na sucessão do presidente José Sarney:

"Estamos pensando no primeiro-ministro, pelo menos até a posse do novo presidente".

Mas ele admitiu que o PTB tem três possíveis candidatos: "Temos vários nomes para primeiro-ministro ou para presidente da República. Posso citar três nomes, omitindo o meu, por modéstia: Antônio Ermírio de Moraes, Roberto Gusmão e o ex-ministro Afonso Camargo".

Bastante satisfeito com a redução do mandato, o prefeito do Rio, Saturnino Braga, quer mesmo apressar a formação do seu novo partido, para participar das diretas em 88, seja como candidato, seja como aliado a outras correntes de esquerda. Sobre o encurtamento do mandato de Sarney, Saturnino previu apenas que a situação econômica do País será imprevisível nos próximos meses, porque "começou a contagem regressiva do governo, que já está desacreditado pelo povo". Nesta quarta-feira, o prefeito se encontra, em Brasília, com o senador Jamil Haddad, presidente do PSB, e com Luís Inácio Lula da Silva, do PT.

O radialista e ex-deputado Raul Brunini foi demitido às 15 horas de ontem da direção da Rádio Nacional e das demais emissoras da Radiobrás no Rio de Janeiro porque os deputados Francisco Dornelles e Sandra Cavalcanti, do PFL fluminense, votaram a favor dos quatro anos de mandato para Sarney.

A demissão de Brunini, profissional do rádio há mais de 40 anos, foi comunicada por telefone pelo presidente da Radiobrás, Antônio Martins, que alegou estar obedecendo ordens do ministro Antônio Carlos Magalhães.

Ainda sem querer acreditar, Raul Brunini telefonou para o ministro, dizendo-se decepcionado. Ouviu a seguinte resposta: "Eu também estou decepcionado porque o Dornelles e a Sandra votaram pelos quatro anos". E explicou: "Como eles foram responsáveis pela sua indicação, não há como mantê-lo no cargo".

Esse pode ser apenas o início de um processo de demissões em massa. O próprio presidente Sarney está sugerindo que os que votaram nos quatro anos passem a ler o Diário Oficial, a partir de hoje. É pelo Diário Oficial que eles tomarão conhecimento das exonerações dos seus apadrinhados. Além dos defensores do mandato de quatro anos, o recado do presidente tem um destinatário especial: o senador José Richa. Segundo a fonte que forneceu a informação, Sarney já tem em mãos uma relação completa de todos os apadrinhados de Richa que conseguiram cargo no governo. E vai demitir todos, sem exceção.

"Rompeu lá, rompeu aqui", reagiu ontem o presidente da Radiobrás, Antônio Martins, para explicar a demissão de Raul Brunini. Martins não negou, disse que demitiu Brunini porque ele estava no cargo por indicação dos deputados Sandra Cavalcanti e Francisco Dornelles, do PFL, que votaram contra o presidente Sarney, na Comissão de Sistematização.

"Eles não querem acabar com o governo?" disse Antônio Martins, referindo-se aos dois deputados e acrescentando: "Então, vamos começar acabando do lado deles". Mas negou que tivesse recebido qualquer orientação do presidente Sarney para começar a retaliação contra aqueles que votaram pelos quatro anos.

No Palácio do Planalto, nenhum assessor do presidente Sarney concordava que as retaliações já tivessem começado. Um auxiliar do presidente chegou a argumentar que prova disso era que até o final da tarde não havia saído nenhum ato do presidente Sarney que pudesse ser classificado como revanchismo. Mas no início da noite foi divulgado o ato do presidente Sarney efetivando Maurício Viotti na presidência da Caixa Econômica Federal, onde estava, interinamente, há cerca de cinco meses, porque esse cargo era reivindicado tanto pelo PFL como pelo PMDB. Viotti é técnico e sempre foi o candidato da preferência de Jorge Murad, genro de Sarney, para o cargo.

A Caixa Econômica e a Sudene eram dois cargos que estavam sendo administrados por dirigentes interinos, enquanto o Palácio do Planalto aguardava o momento político certo para negociá-los.

Os deputados Francisco Dornelles e Sandra Cavalcanti foram à tribuna, ontem, para esclarecer que nada têm a ver com a nomeação do radialista Raul Brunini para a Radiobrás, de modo que não entendem como tentativa de retaliação a demissão do dirigente.

"Raul Brunini ligou para mim — disse Dornelles — e pediu-me para desmentir isso: eu não sou responsável por sua demissão, nem por sua demissão, e respondi pelos meus atos e o meu voto." Sandra Cavalcanti fez o mesmo protesto.

Archer

No primeiro escalão, a primeira vítima deverá ser o ministro Renato Archer, da Previdência — segundo revelaram ontem alguns parlamentares do PFL. Os pefelistas criticam a orientação que vem sendo seguida por aquela pasta desde os tempos de Waldir Pires. As divergências tornaram-se agudas na gestão de Raphael de Almeida Magalhães e, agora, a pressão aumentou para que Sarney demita o ministro do PMDB.